

# COMEMOREMOS

## O 4 DE FEVEREIRO

Há séculos que os povos das colónias são explorados e oprimidos pelo colonialismo português cada vez mais associado ao imperialismo.

Os povos das colónias sempre reagiram à opressão colonialista nas duma forma de sordenada, que ora atafada em sangue.

Depois de uma experiência de dezenas de anos de luta desorganizada, os povos começaram a organizar-se em frentes de combate unitária na luta pela libertação nacional.

Deste modo, em 56 é fundado o PAIGC e o MPLA e em 1963 a FRELIMO.

Purante este esforço organizativo que teve como resultado uma maior coesão e o cimentar de uma verdadeira consciência nacional por parte dos povos das colónias, o governo fascista procurava travar essa luta prendendo milhares de patriotas.

Em 59, os estivadores de Pídguiti (porto de Bissau) entraram em greve por aumentos de salários, esta é atafada em sangue. Em 1960 dão-se os massacres de Munda (Moçambique) e da Beixa de Cassanje (Angola) onde foram mortos 5 000 angolanos.

Estes crimes dos colonialistas não obtiveram os resultados que os seus mentores desejariam. Levaram, sim, as massas populares à consciência clara de que só de armas na mão seria possível destruir o colonialismo e à preparação da insurreição armada que tem início em 4 de Fevereiro de 1961 em Angola, em 63 na Guiné e em 64 em Moçambique.

Desde aí os sucessos obtidos foram enormes tanto no terreno militar como no político e diplomático, contribuindo para o isolamento internacional do colonialismo e do fascismo.

A proclamação em 24 de Setembro de 73 da República da Guiné-Bissau reconhecida

# COMEMORAMOS

já por cerca de 80 países é disso uma prova cabal. Os sucessos do MPLA e da FRELIMO são igualmente irrefutáveis. A luta estende-se já em Angola a 10 dos 15 distritos e em Moçambique a 4 das 9 províncias.

Os movimentos de libertação, como únicos representantes dos povos da Guiné e Cabo Verde, Angola e Moçambique, substituem o Governo colonial fascista português nas principais organizações internacionais.

A organização político-social nas zonas libertadas dá grandes passos em frente criando-se uma vida nova ao serviço dos povos: construção de escolas, hospitais, cooperativas de produção e consumo, etc. que vão liquidando as pesadas heranças de vários séculos da opressão e exploração.

A manutenção por parte do Governo desta guerra de agressão e genocídio aos povos africanos, é uma das razões principais do progressivo agravamento das condições de vida do povo português.

A juventude portuguesa obrigada pelo governo fascista a defender os interesses monopolistas e imperialistas em África é duramente atingida por esta guerra: além dos milhares de mortos, feridos e estropeados, são as interrupções da vida escolar e as incorporações compulsivas, incertezas e dificuldades de emprego, etc..

Por isto e pela consciência cada vez maior da justiça da luta dos povos da Guiné-Cabo Verde, de Angola e de Moçambique e do S. Tomé e Príncipe, os estudantes têm sido um dos sectores mais aguerridos da luta do povo português contra a guerra colonial e o colonialismo.

O 4 de Fevereiro terá de ser para todos nós um dia de luta contra o colonialismo e de solidariedade à luta dos povos das colónias.

Lutamos pelo fim da guerra colonial: exijamos negociações imediatas com o MPLA, FRELIMO e Governo da República da Guiné-Bissau, legítimos representantes dos povos das colónias, na base do direito dos povos à auto-determinação e independência; exijamos o regresso imediato dos soldados.

COMEMORAMOS O 4 DE FEVEREIRO COM GRANDES AÇÕES DE MASSAS

C.E.D.L. - Comissão dos Estudantes Democratas de Lisboa